

SHERLOCK
HOLMES

UM ESTUDO EM VERMELHO

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

UM ESTUDO EM VERMELHO

Tradução
Monique D'Orazio



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
A study in scarlet

Diagramação
Project Nine Editorial

Texto
Arthur Conan Doyle

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
Monique D'Orazio

Design de capa
Ana Dobón

Revisora
Fernanda R. Braga Simon

Imagens
Chuckstock/shutterstock.com
Liliya_Mekhonoshina/shutterstock.com

Texto publicado integralmente no livro *Sherlock Holmes - Um estudo em vermelho*, em 2019, na edição em brochura pelo selo Principis da Ciranda Cultural. (N.E.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D754e	Doyle, Arthur Conan
	Um estudo em vermelho / Arthur Conan Doyle ; traduzido por Monique D'Orazio. - Jandira : Principis, 2021. 176 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da Literatura Mundial - Luxo)
	Tradução de: A study in scarlet ISBN: 978-65-5552-441-3
	I. Literatura inglesa. 2. Romance policial. I. D'Orazio, Monique. II. Título. III. Série.
2021-1200	CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

Parte um

- O SR. SHERLOCK HOLMES – 9
A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO – 20
O MISTÉRIO DE LAURISTON GARDENS – 34
O QUE JOHN RANCE TINHA A DIZER – 49
NOSSO ANÚNCIO TRAZ UM VISITANTE – 59
TOBIAS GREGSON MOSTRA DO QUE É CAPAZ – 69
LUZ NA ESCURIDÃO – 82

Parte dois

- NA GRANDE PLANÍCIE ALCALINA – 97
A FLOR DE UTAH – 111
JOHN FERRIER FALA COM O PROFETA – 121
UMA FUGA PELA VIDA – 128
OS ANJOS VINGADORES – 140
UMA CONTINUAÇÃO DAS REMINISCÊNCIAS
DO DR. JOHN H. WATSON – 152
A CONCLUSÃO – 167



Parte um

UMA REIMPRESSÃO DAS
REMINISCÊNCIAS DO DR. JOHN
H. WATSON, EX-MEMBRO DO
DEPARTAMENTO MÉDICO
DO EXÉRCITO

Capítulo 1

• O SR. SHERLOCK HOLMES •

Fm 1878, obtive meu diploma de doutor em medicina na Universidade de Londres e segui para Netley, a fim de fazer o curso prescrito para os cirurgiões do exército. Após completar meus estudos lá, fui devidamente incorporado ao Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland como cirurgião assistente. Na época, o regimento encontrava-se estacionado na Índia e, antes que eu pudesse me juntar a ele, irrompeu a Segunda Guerra Afegã. Ao aportar em Bombaim, descobri que minha unidade avançara pelos desfiladeiros e que já estava profundamente embrenhada no país inimigo. Segui, entretanto, na companhia de muitos outros oficiais em situação igual à minha e alcancei Candaar em segurança, onde encontrei o regimento e, de imediato, assumi minhas novas funções.

A campanha trouxe honras e promoções a muitos; a mim, entretanto, não houve nada além de infortúnio e desastre. Fui removido de minha brigada e integrado aos Berkshires, com quem servi na batalha fatal de Maiwand. Ali, fui atingido no ombro por uma bala de mosquete *jezail*, que estilhaçou o osso e roçou a artéria subclávia. Eu teria caído nas mãos dos

sanguinários *ghazis*¹ não fosse pela devoção e coragem mostradas por Murray, meu ordenança, que me atravessou sobre o lombo de um cavalo de carga e conseguiu me levar em segurança de volta às fileiras britânicas.

Desgastado pela dor e fraco pelas prolongadas dificuldades sofridas, fui removido com uma grande comitiva de sofredores feridos para o hospital de base em Peshawar. Ali fui me recuperando e já estava melhor a ponto de conseguir andar pelas alas da enfermaria, até mesmo de me aquecer um pouco na varanda, quando fui acometido pela febre tifoide, essa maldição de nossas posses nas Índias. Durante meses, minha vida esteve por um fio, e, quando finalmente voltei a mim e comecei a convalescer, estava tão fraco e emaciado que uma junta médica determinou que nem mesmo um dia deveria se passar antes que eu fosse enviado de volta à Inglaterra. Em conformidade, fui despachado no *Orontes*, um navio de transporte de tropas. Aportei um mês depois no cais de Portsmouth, com a saúde irremediavelmente arruinada, mas com a permissão de um governo paternal para passar os nove meses seguintes na tentativa de melhorá-la.

Não tinha amigos ou parentes na Inglaterra e era, portanto, livre como o ar – ou tão livre quanto um homem poderia ser com uma renda de onze xelins e seis pence por dia. Sob tais circunstâncias, naturalmente, fui atraído para Londres, essa grande fossa que drena, irresistivelmente, todos os vadios e desocupados do Império. Fiquei por algum tempo num hotel particular na Strand, levando uma vida sem conforto e sem

1 *Ghazis*: guerreiros muçulmanos que combatiam aqueles que eram contra a fé islã.

sentido e gastando todo o dinheiro que eu possuía, de modo consideravelmente mais livre do que deveria. Tão alarmante se tornou o estado de minhas finanças que logo percebi a necessidade de deixar a metrópole e levar uma vida rural em algum lugar no interior, ou fazer uma completa mudança no meu estilo de vida. Escolhi a última alternativa e, assim, comecei a me acostumar com a ideia de sair do hotel e alugar cômodos em domicílio um tanto menos pretensioso e também menos dispendioso.

No exato dia em que cheguei a essa conclusão, estava no Criterion Bar quando alguém bateu no meu ombro. Assim que me virei, reconheci o jovem Stamford, que havia sido meu assistente no Bart's. A visão de um rosto amigável na grande selva de pedra de Londres é, de fato, algo agradável para um homem solitário. Nos velhos tempos, Stamford nunca foi um camarada meu; mas, dessa vez, cumprimentei-o com entusiasmo; ele, por sua vez, pareceu regozijar em me ver. Na exuberância da minha alegria, convidei-o para almoçar comigo no Holborn, e seguimos juntos num cabriolé.

– Minha nossa, o que você tem feito, Watson? – perguntou com surpresa não disfarçada, enquanto chacoalhávamos pelas ruas movimentadas de Londres. – Está magro como um palito e moreno como uma castanha.

Fiz-lhe um pequeno esboço de minhas aventuras e mal tinha concluído quando chegamos ao nosso destino.

– Pobre diabo! – disse ele, demonstrando compaixão após ouvir meus infortúnios. – O que pretende fazer agora?

– Procurar moradia – respondi. – Estou tentando descobrir se tem solução o dilema de conseguir aposentos confortáveis a um preço razoável.

– Que coisa estranha – apontou meu companheiro –, é o segundo homem a me dizer isso hoje.

– E quem foi o primeiro? – indaguei.

– Um sujeito que está trabalhando no laboratório químico do hospital. Queixava-se hoje de manhã de não conseguir encontrar com quem dividir um bom apartamento que ele encontrou, cujo preço era demais para o bolso dele.

– Por Deus! – exclamei. – Se ele quer alguém para dividir os aposentos e as despesas, sou o homem exato. E prefiro ter um companheiro a ficar sozinho.

O jovem Stamford me olhou de forma um tanto esquisita por cima da taça de vinho.

– Você ainda não conhece Sherlock Holmes. Talvez prefira não o ter como companheiro constante.

– Por quê? O que há contra ele?

– Ah, não disse que havia algo contra ele. É apenas um pouco excêntrico em suas ideias; um entusiasta de alguns ramos da ciência. Porém, até onde sei, é um sujeito bastante decente.

– Um estudante de medicina, suponho?

– Não, e não tenho ideia alguma de qual é a intenção de carreira dele. Acredito que tenha bons conhecimentos em anatomia, além de ser um químico de primeira linha; porém, até onde sei, nunca frequentou nenhum curso regular de medicina. Seus estudos são excêntricos, muito pouco sistemáticos, mas ele acumulou conhecimento por vias não convencionais em quantidade suficiente para surpreender os professores dele.

– Você nunca lhe perguntou quais são seus interesses?

– Não, ele não é um homem fácil de compreender, embora seja bastante comunicativo quando a imaginação se apodera dele.

– Gostaria de conhecê-lo – disse eu. – Se eu for morar com alguém, prefiro que seja um homem reservado e com hábitos de estudo. Ainda não estou forte o suficiente para suportar muito barulho ou emoções. No Afeganistão, já tive minha cota de ambos, pelo resto de minha existência natural. Como eu poderia me encontrar com esse seu amigo?

– É certo que ele está no laboratório – respondeu meu companheiro. – Ou evita o lugar por semanas ou lá trabalha de manhã até a noite. Se desejar, podemos ir juntos encontrá-lo depois do almoço.

– Certamente – respondi, e a conversa tomou outros rumos.

No caminho ao hospital, depois de deixarmos o Holborn, Stamford me deu mais alguns pormenores sobre o cavalheiro que eu pretendia tomar como companheiro para dividir o aluguel do apartamento.

– Não deve culpá-lo se não se derem bem – observou ele. – Não sei mais nada a respeito desse homem além do que descobri em alguns encontros ocasionais no laboratório. A proposta desse arranjo é sua, portanto não me considere responsável.

– Se não chegarmos a um acordo, vai ser fácil cortar relações – respondi, e acrescentei, olhando firme para meu companheiro: – Parece-me, Stamford, que você tem algum motivo para lavar as mãos em relação ao assunto. O temperamento do sujeito é tão formidável assim, ou o quê? Não use de meias-palavras.

– Não é fácil expressar o inexprimível – respondeu com uma risada. – Holmes é um pouco científico demais para o meu gosto; chega a beirar o sangue-frio. Eu poderia imaginá-lo dando uma pitadinha do último alcaloide vegetal a um amigo; não por malevolência, entenda, mas simplesmente pelo

espírito de investigação, para ter uma ideia precisa dos efeitos. Fazendo-lhe justiça, acho que ele mesmo tomaria a substância com a mesma prontidão. Parece ter uma paixão pelo conhecimento definido e exato.

– Tudo bem.

– Sim, mas pode ser levada a excessos. Quando se chega a ponto de dar pauladas nos objetos de dissecação dentro do laboratório, certamente essa paixão assume contornos bizarros.

– Pauladas nos objetos de estudo!

– Sim, para verificar por quanto tempo os hematomas podem ser produzidos após a morte. Vi com meus próprios olhos.

– E ainda assim você diz que ele não é estudante de medicina?

– Não. Deus sabe quais são os objetos de seu estudo. Mas aqui estamos nós, e você deve formar as próprias impressões sobre ele. – Enquanto falava, viramos numa ruazinha estreita e entramos por uma pequena porta lateral, que se abria para uma ala do grande hospital. Era um terreno familiar para mim; não precisava de orientação quando subimos as sombrias escadarias de pedra e seguimos por um longo corredor com vista para as paredes caiadas e portas de cor indefinida. Perto do fim, uma passagem baixa em forma de arco se desviava do corredor e levava ao laboratório de química.

Esta era uma câmara de teto elevado, forrada e repleta de incontáveis frascos. Pelo ambiente se espalhavam mesas amplas e baixas, coalhadas de retortas, tubos de ensaio e pequenos bicos de Bunsen com tremeluzentes chamas azuis. Só havia um aluno na sala, debruçado sobre uma mesa distante, absorto no trabalho. Ao som de nossos passos, ele olhou em volta e se pôs em pé com um sobressalto e um grito de prazer.

– Encontrei! Encontrei! – gritou para meu companheiro, correndo em nossa direção com um tubo de ensaio na mão. – Encontrei um reagente que é precipitado por hemoglobina e por nada mais. – Ainda que tivesse descoberto uma mina de ouro, maior prazer não poderia ter brilhado sobre suas feições.

– Dr. Watson, sr. Sherlock Holmes – apresentou-nos Stamford.

– Como vai? – disse ele cordialmente, apertando minha mão com uma força que eu não lhe teria julgado capaz de exercer. – Esteve no Afeganistão, percebo.

– Como diabos sabe disso? – perguntei com espanto.

– Não importa – disse, rindo para si mesmo. – A questão agora é a hemoglobina. Você vê, sem dúvida, o significado desta minha descoberta, não vê?

– É interessante, quimicamente, sem dúvida – respondi –, mas em termos práticos...

– Ora, homem, é a descoberta médico-legal mais prática dos últimos anos. Não vê que ela nos dá um teste infalível para manchas de sangue? Venha aqui agora! – Ele me agarrou pela manga do casaco em sua ansiedade e me levou até a mesa em que estivera trabalhando. – Vamos providenciar um pouco de sangue fresco – falou, espetando um longo punhal no dedo e colocando a gota de sangue resultante numa pipeta química. – Agora, adiciono esta pequena quantidade de sangue a um litro de água. Perceba que essa mistura tem o aspecto de água pura. A proporção de sangue não pode ser mais do que uma parte em um milhão. Não tenho dúvida alguma, porém, de que seremos capazes de obter a reação característica. – Enquanto falava, jogou alguns cristais brancos dentro do recipiente, e depois acrescentou algumas gotas de um líquido transparente.